

OS CAFÉS NA VIDA URBANA DE PORTO ALEGRE (1920-1940): AS TRANSFORMAÇÕES EM UM ESPAÇO DE SOCIABILIDADE MASCULINO¹

Bernardo Lewgoy²

Introdução

A indagação que perpassa o trabalho reporta-se à temática da dinâmica cultural, a partir da interpretação feita por Ruben Oliven (1982:62) como:

“(...) apropriação de expressões de outros grupos e sua recodificação e introdução num outro circuito no qual estes elementos são dotados de novo significado e, portanto, utilizados de forma a afetar o seu significado original.”

Direciona-se esta problematização ao contexto da apropriação de uma manifestação cultural típica da vida urbana europeia, por parte de homens de segmentos sociais médios e superiores na República Velha, e sua ressemantização num sistema de representações e práticas tido e visto como “moderno”, porém matizado por conotações específicas, explicitadas e analisadas no decurso deste trabalho.

Como fontes históricas recorreu-se a quatro cronistas (Gouvea, 1976; Meyer, 1966; Porto Alegre, 1940; Ruschel, 1971), à *Revista do Globo* (1943), ao álbum da revista *Máscara*, comemorativo do centenário da independência do Brasil (1922) e aos artigos de Amaro Jr. (1976) publicados no *Jornal Folha da Tarde*. De outra parte, almejando perscrutar a importância dos cafés na história oral da cidade, foi realizada uma série de sete entrevistas com antigos frequentadores destes lugares, pertencentes aos grupos sociais em pauta.

¹ Esse texto é baseado em pesquisa de BIC/CNPQ, realizada em 1988, sob a orientação da professora Ana Luiza Carvalho da Rocha. Agradeço a ela e aos informantes, muitos já falecidos. O presente etnográfico do artigo corresponde a 1988.

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.

A História dos Cafés na Composição da Vida Urbana.

Os Cafés na História Social

Phillipe Ariés concebe o século XX francês como “a civilização dos cafés” (Ariés, 1981:20). Comentando as mudanças na forma de sociabilidade das cidades francesas em expansão, este autor sustenta que:

Uma nova sociabilidade substituirá a antiga mantendo e desenvolvendo as funções essenciais da cidade. O veículo dessa nova sociabilidade foi o café (café-restaurante) isto é, um lugar público onde as pessoas se encontram, bebem ou comem: o lugar do discurso (1981:18).

Sobre a característica urbana desta sociabilidade, diz:

Não há café no campo, somente na cidade. O café é um lugar de encontro, numa cidade que cresce desmesuradamente e onde as pessoas já não se conhecem tão bem como antigamente (1981:19).

Em outra passagem, discorrendo sobre as conotações sociais dos cafés, Ariés afirma que:

... sem dúvida o café apareceu originalmente como um fenômeno mundano, mais aristocrático do que burguês. Mas logo foi vulgarizado, estendido a todas as condições e a todos os bairros. Na cidade do século XIX não há bairro sem café ou sem vários cafés (1981:19).

Em *O declínio do homem público* (1988) Richard Sennet salienta o caráter “público” e “igualitário” dos cafés em Londres e em Paris nos séculos XVIII e XIX, funcionando como locais de encontros, troca de informações e exercício do discurso público. No século XVIII, o café era um espaço onde não vigorava a regra, vigente em todo o resto do domínio público, da distinção hierárquica nos contatos interpessoais. Ali era permitido a qualquer pessoa entabular conversa com estranhos, qualquer que fosse a condição social das pessoas em questão. No século XIX, preservou-se a característica igualitária do café, porém sobre a égide de uma mentalidade diversa, “burguesa”, “secular” e “personalista”, que institui, segundo este autor, “o direito de não ser perturbado em público”, podendo-se lá permanecer como expectador passivo das ações e personagens alheias, na atitude *flâneur* típica da época:

...o expectador silencioso, sem ninguém de especial para assistir, protegido pelo seu direito de ser deixado sozinho, poderia agora também estar absolutamente perdido em seus pensamentos, em seus devaneios. As pessoas fugiam do seu parlatório familiar para o clube ou para o café, à cata de sua privacidade. O silêncio, portanto, superpunha o imaginário público e privado. O silêncio tornava possível que se fosse ao mesmo tempo visível aos outros e isolado aos outros (Sennet, 1988:269).

Para fins deste trabalho é importante reter que em ambos os autores mencionados, o café é, de um lado, um fenômeno tipicamente urbano, e de outro, um espaço balizado pela noção de igualdade³.

No processo de apropriação desta manifestação cultural no espaço existencial⁴ da Porto Alegre do início do século XX, a primeira das características será mantida – estilo de vida urbano e “moderno”, marcado pelo “cosmopolitismo” de hábitos e influências. Entretanto, sua integração à realidade cultural porto-alegrense, realizar-se-á, conforme se examina adiante, não como um espaço de igualdade, mas como emblema de distinção no estilo de vida e identidade social das elites urbanas, mais especificamente homens destes segmentos, sendo neste sentido solidário com o princípio hierárquico de estruturação do universo social brasileiro, no sentido de DaMatta (1979, 1985).

Os Cafés nas Crônicas e na História Oral de Porto Alegre

Uma das funções mais importantes desempenhadas pelos cafés do centro de Porto Alegre na primeira metade do século XX, era a de ser um dos pólos agenciadores da socialização secundária de indivíduos do sexo masculino de segmentos médios e superiores da cidade, particularmente na fase de início da sua condição de adultos, a qual correspondia, em muitos casos, o ingresso na universidade. Os informantes Dilson, Sergio, Antonio e Alberto, por exemplo, eram acadêmicos, em sua maioria de Direito na época que começaram a frequentar os cafés. Os tempos livres nos intervalos das aulas geralmente eram passados nos cafés da *Rua da Praia*. Nos depoimentos destes informantes, a sociabilidade nos cafés foi muitas vezes associada à idéia de geração:

Os cafés representaram um grande papel na minha geração, um papel importantíssimo, decisivo. Tínhamos ali nosso QG da mocidade. Ali era discutido tudo: literatura, política, assinávamos manifestos, fazíamos concentrações (...). Nossos pensamentos em voz alta (...) era a maneira como nós nos confessávamos uns aos outros, nossas aspirações, nossos projetos, nossas idéias, o que pretendíamos fazer, o que íamos escrever, o que estávamos lendo (Dilson, 80 anos).

³ Ainda sobre os cafés no Ancien Régime ver Habermas (1984) e Darnton (1987). Berman (1987) também faz úteis indicações ao afirmar, em seu ensaio sobre Baudelaire, que os cafés no século XIX, eram “*símbolos de La vie parisienne*” (p.147). Lottman (1987) traça um amplo painel da vida literária que transcorria nos cafés parisienses da primeira metade do século XX. Rama (1985) tem algumas observações sobre o “*intelectual do café*”, na Montevideo de 1900. Para um estudo sociológico dos cafés em Paris, consultar Suffert (1962).

⁴ Emprega-se aqui o conceito de “espaço existencial” tal como o sistematizado por Norberg-Schulz (1975), a partir de derivações da psicologia de Piaget para o plano da cultura. Para uma ampla resenha das relações entre as Ciências Humanas e a questão do espaço, é digno de nota o trabalho de Bettanin (1982).

Vislumbra-se também, uma ênfase no caráter “obrigatório” dessa sociabilidade: “*Ir aos cafés era obrigatório. Não havia escapatória*” (Dilson). Ou “*Não tinha como não freqüentar. O sujeito ficava marginalizado se não freqüentasse.*” (Carlos, 76 anos)

Tal ênfase remete à importância da região central da cidade e de seus cafés para a vida urbana da época:

A vida social se desenvolvia principalmente no centro, na Rua da Praia, para lá tudo convergia. Isso ocorria não apenas em lugares públicos, como cafés, confeitarias e restaurantes, mas também em clubes como o do Comércio. Ao percorrer a Rua da Praia na década de 30 não se via um único banco, ali só havia comércio e estabelecimentos de lazer, como restaurantes, confeitarias, cafés, alguns com orquestra. Havia cafés, por assim dizer, literários, como o Colombo. Ali se reuniam os jornalistas, os escritores, os artistas da cidade. Havia muito contato, muito intercâmbio. Havia lugares civilizados na cidade. Eu ia muito nesses lugares, usava o telefone como se fosse meu, tinha crédito na casa, ficava amigo do garçom.” (Carlos)

Nota-se também a representação acerca da permanência do hábito de passear pelo centro, revelando o enraizamento da sociabilidade nesta região no plano da memória coletiva: “*As pessoas adquiriam o hábito de ir ao centro. E até hoje tem gente que vai lá por uma questão de hábitos, de tradição.*” (Carlos)

De outro lado, o contraste entre a Porto Alegre “antiga” e a de “hoje” também marca presença nos depoimentos:

Naquela época, a qualidade de vida era incomparavelmente superior, a cidade era pequena. Economicamente tinha pouca expressão, mas social e culturalmente ela tinha mais significação. A vida de Porto Alegre de hoje se tornou mais difícil. A própria marginalidade se acentuou muito em função do crescimento da cidade. (Carlos)

No âmbito das regras de sociabilidade nos cafés, dos anos 20 aos 40, percebe-se uma complexa combinação de influências, em que se destaca a “mentalidade secular burguesa” do século XIX europeu, e sua “crença individualista na personalidade como princípio social” aliada ao “direito ao silêncio público” (Sennet,1988). A marca desta influência é notável nas representações que perpassam as crônicas e depoimentos dos informantes: “*No café se podia a manhã inteira sentadinho, sem ser incomodado*” (Dilson). Ou ainda: “*o café era nosso refúgio.*” (Sérgio, 82 anos)

Tal caracterização é manejada nas crônicas e discursos como um dos principais traços de contraste com o presente, juntamente com a valorização da sociabilidade ligada à mesa sem a “pressa” que caracterizaria os hábitos das lanchonetes do presente (constantemente associada à influência americana nos hábitos alimentares):

E ninguém tomava de pé o cafezinho. Isso é coisa de gente apressada, que nem lhe sente o gosto. As mesinhas estavam ali para isso. O cafezinho vinha acompanhado de um copo d'água e o papo se soltava descansadamente, alimentado pelo espírito da rua (Ruschel, 1971:14).

Isso de comer ou tomar café de pé vem com a influência americana, após a 2ª Guerra. Os americanos dão muita importância ao jantar, mas nenhuma ao almoço. Para nós, a mesa era sagrada. (Dilson)

Associa-se a essa influência o viés do repertório cultural francês no estilo de vida dos segmentos sociais de elite da cidade:

O francês dominou a geração. A literatura que líamos era praticamente toda francesa. Os livros para a faculdade de Direito eram quase todos em francês. (Dilson)

Na moda e na cultura era a França. Quem ditava a moda em qualquer área da cultura era a França. As mocinhas falavam francês. Os Estados Unidos só vieram avassaladoramente depois da 2ª Guerra Mundial. (Carlos)

Outro aspecto que se sobressai nas crônicas e nos depoimentos colhidos é a instituição do “grupo” ou roda literária de conhecidos “habitués” que tinham “mesa cativa” em determinados cafés, encontrando-se periodicamente nos mesmos horários, o que sinaliza o cruzamento de influências diversas em interação com as acima relacionadas. De um lado, está a faceta mais tradicional, em sentido amplo, da regra de sociabilidade que prescrevia uma relativa fidelidade ao grupo que se fazia parte, nos mesmos horários e cafés, se bem que o assunto fosse tratado com certa jocosidade: “*Ir ao café era considerado uma tradição*”. (Dilson)

O tema da “fidelidade ao grupo” aparece ainda em diversas passagens das crônicas de Gouvea (1976:29):

E até o instante em que nos vimos separados éramos como feixe de varas da antiga fábula: tão bem amarrados, tão unidos (...). Assim se compreende que fossem olhados com natural reserva outras presenças que significassem a quebra sutil do equilíbrio daquele relacionamento singular.

De outro lado, é no “grupo” que se esboça um código de amizade masculino, representado como opção consciente dos sujeitos morais envolvidos, nitidamente balizado pela noção moderna de indivíduos como valor, caracterizando a “igualdade” entre pares⁵. Tal código convivia com um padrão hierárquico de amizades políticas, que atualizava, em outras instâncias, a prática do “favor” sendo comum a obtenção de

⁵ O código de amizade, relacionado à moderna ideologia individualista no sentido de Dummont (1985) é analisado por Velho (1986).

empregos através de políticos influentes que mantinham um intenso intercâmbio com membros de alguns “grupos”⁶.

Subjaz a tais influências a referência ao “ideário da Modernidade” que, neste meio, se revestia de uma aguçada sensibilidade ou atenção para com o “novo”, tanto em termos de tendências estéticas e literárias quanto no que se refere à política, onde os cafés tiveram significativo papel ou como ponto de referência para atividades do gênero ou simplesmente como palco privilegiado para conversa e discussão do tema⁷.

Importante ainda nas descrições dos cafés é a segregação dos públicos em tais lugares, apontados na crônica de Amaro Jr. (1977). Políticos, literatos, adeptos, segundo o esporte, estudantes, etc., cada segmento encontrava seu ponto de referência num determinado café, na área localizada em umas poucas quadras de trechos da Rua da Praia.⁸ Tal caracterização dos públicos nos cafés, referidas aos anos 20 e 30, sofre significativas alterações nos anos 40, conforme o depoimento do informante Antonio (66 anos): “*Quem freqüentava os cafés eram os funcionários públicos, os comerciantes, profissionais liberais, advogados, médicos, etc.*”

Nota-se aqui a maior afluência de setores médios aos cafés, correspondente ao aumento de seu peso específico na população, bem como a sua importância social nesta época.

Os horários em que habitualmente se freqüentava os cafés denotam um determinado regime de uso do tempo para a sociabilidade pública. Segundo os informantes e as crônicas consultadas, costumava-se ir aos cafés durante o dia (ainda que alguns ficassem abertos até determinada hora da noite, com uma única exceção, o “Suíça” que não fechava nunca suas portas), aos bares e restaurantes ao entardecer e à noite, e aos clubes noturnos, cabarés e zonas de prostituição num horário mais avançado. De acordo com o lugar e a hora, variavam as regras de sociabilidade, os

⁶Sobre a ambigüidade da referência aos valores europeus no espaço cultural brasileiro, é exemplar o ensaio de Schwarcz (1977). A relação entre os intelectuais, o contexto de sua produção e o poder político da República Velha e no Estado Novo é explorada por Miceli (1977, 1979).

⁷ Acerca do ideário da Modernidade como grupo de idéias e valores que especificam a “Grande Tradição do Ocidente”, ver Duarte (1986), Rouanet (1986) e Berman (1987).

⁸ “Na esquina da ladeira havia o café Colombo, da firma Romba & Schmidt, depois transferido para o lado oposto da rua, onde agora está uma lancheria. Pouco adiante, na altura do Edifício Santa Cruz, estava o Café Nacional, reduto dos esportistas de todos os clubes e de todas as modalidades. Defronte era o Café Liberal, do Longoni, e pegado “A Suíça”, do Guarânia, que funcionava dia e noite. Antes de chegar-se à rua do Comércio (Uruguai) estava o Café Paulista, sempre com um bom conjunto musical e, caminhando-se mais um pouco, encontrar-se-ia outro Café Nacional, na esquina da rua do Rosário, onde se reuniam os adeptos dos esportes aquáticos. Os políticos se reuniam no América, no largo dos Medeiros e, na Praça da Alfândega esquina com Sete de Setembro, havia mais um café Nacional, reduto dos turfistas” (Amaro Jr. 1976: 06-05).

papéis sociais e os tipos de freqüentadores. Os cafés eram menos “ruidosos” e mais homogêneos em seu público que os outros lugares mencionados, especialmente os chamados “becos de má fama”, onde se concentrava a prostituição da cidade. Nestes, se vigisse alguma regra de discriminação, esta se referiria menos à origem de classe, aparência ou condição social de seus freqüentadores do que a parâmetros mais estritamente socioeconômicos, como nos clubes de jogo ou nos cabarés de luxo..Assim, o hábito de freqüentar tais lugares e regiões do meio urbano da cidade, segundo este regime de uso do tempo para a sociabilidade pública e o sentido de atualização sistemática dos laços recíprocos de sociabilidade que tais práticas traziam em seu bojo, manifestam o enraizamento espacial específico do processo de construção de identidades na Porto Alegre da época.

Em último lugar, cabe reforçar que o desaparecimento dos cafés é geralmente associado, de acordo com os depoimentos dos informantes, à influência norte-americana no Brasil pós- 2ª Guerra:

Os cafés deixaram de existir nos anos 50. Muito pela influência da introdução dos hábitos americanos no Brasil. Eles venceram duas guerras mundiais, e, naturalmente foram impondo seus costumes a nós. O mundo inteiro foi invadido por outro espírito, pela lanchonete, pelo balcão, pelo hambúrguer, pela Pepsi-cola, pelo ficar de pé comendo, que substituíram o café. Nós deixamos de ser europeus.
(Dilson)

Os cafés em Porto Alegre e a organização social de seu meio urbano

Nos primórdios do período considerado neste artigo, o café participou do processo de formação de um novo circuito de formas de sociabilidade que caracterizam a “vida mundana” das cidades brasileiras em expansão: *footing*, as sessões de cinema, os teatros, as confeitarias, as casas de chá, os clubes, etc. Tal processo tem, como um de seus componentes básicos e original, em relação ao século XIX, a valorização dos espaços fechados para a sociabilidade pública. Em diversas cidades, de forma coetânea, determinadas ruas centrais, por sua expressão e importância na memória coletiva local, concentram essas formas de sociabilidade, exibindo a difusão de um estilo de vida relacionado ao Ideário da Modernidade e suas influências no ethos e visão de mundo dos grupos sociais urbanos, como na rua da Praia, em Porto Alegre⁸.

No caso de Porto Alegre, são esboçadas as primeiras tentativas de ordenar e disciplinar o espaço urbano segundo uma visão de conjunto da cidade e não mais através de esporádicas e fragmentárias intervenções do poder público, como vinha ocorrendo ao longo do século XIX. Tais tentativas têm seu paradigma basicamente

associado à Reforma Passos, realizada na primeira década do século, no Rio de Janeiro, que acarretou drásticas modificações nas texturas espaciais da cidade.

Em Porto Alegre, o plano de Melhoramentos, de Moreira Maciel, formulado em 1914, expressa, então, a ressonância dos complexos processos de mudança culturais e sociais em curso no país, tanto no plano de sua incidência específica na ecologia urbana da cidade, quanto no plano da consciência e projetos coletivos dos atores sociais neste contexto. “O acento posto, por exemplo, nas noções de “Progresso” e Razão” (axiais neste momento de efetivação no Ideário da Modernidade) impregna a percepção e os discursos dos atores sobre tais mudanças, estruturando o horizonte ideológico do nascente planejamento urbano em Porto Alegre. Esta concepção de intervenção no meio urbano de Porto Alegre tem como corolário a segmentação dos espaços segundo a função sócio-econômica, traçando a pauta geral da formulação e implantação dos Planos Diretores que sucederam o Plano Moreira Maciel no decorrer do século XX¹¹.

Assim, abria-se paulatinamente o caminho para o delineamento de novos espaços existenciais, vigentes em Porto Alegre a partir do fim da segunda década do século, desdobrando-se na qualificação diferencial da sociabilidade nos espaços urbanos da cidade, em que determinadas regiões e lugares passariam a servir como marcadores de identidade de grupos sociais e, ainda, como enraizadores de suas experiências significativas no âmbito do domínio público, como foi o caso dos cafés da rua da Praia.

Os Cafés em Porto Alegre

Para melhor situar a especificidade dos cafés em meio a outras manifestações culturais no meio urbano, cabe assinalar que, no século XIX, ao fim do período do Império e início da 1ª República, os poucos cafés que existiam na área central de Porto Alegre eram geralmente vistos como “casas malditas”, “focos de perdição” em que a “pessoa conhecida esperava que caísse a noite para entrar lá”, como era o caso do “Café da Fama” na rua Nova (atual Andrade de Neves, Porto Alegre, 1940:65). Esta representação dos cafés corresponde a uma imagem de cidade que ainda não se faz presente à noção moderna de domínio público, tendo em suas formas de sociabilidade a presença dominante da mediação de uma ordem moral tradicional, aliada à preeminência do critério de vizinhança nas interações sociais¹². A nova imagem de cidade que se perfilou no século XX, bem como as mudanças morfológicas e simbólicas nos seus espaços urbanos existenciais tiveram amplas repercussões na delimitação do significado social dos cafés do século.

Em face de tais transformações na Porto Alegre do século XX, os cafés adquiriram uma conotação substancialmente diversa na vida da cidade, a partir de um processo de ressemantização de espaços de sociabilidade já existentes. Diversos cafés se instalaram em lugares já apresentava, um caráter de ponto de encontro e conversa (Porto Alegre, 19740:63), tais como alguns armazéns no centro da cidade, manifestando a pregnância das formas de sociabilidade enraizadas em tais espaços na memória coletiva dos grupos sociais, ainda que seu caráter e representação tenha mudado, como se mostra a seguir.

Subjaz a estas mudanças no cotidiano de determinados grupos sociais urbanos, estilos de vida e formas de sociabilidade que guardam, junto aos cafés, conotações “aristocráticas” e “elegantes”, referenciadas nos modismos franceses. Os anúncios dos cafés, por exemplo, acentuavam o “luxo” a “distinção” e o “caráter aristocrático” dos lugares, ao estilo dos cafés parisienses, com suas orquestras e “ambientes refinados”, em que a “fina flor da nossa sociedade se encontra”. Os cafés despontam, nesse contexto, como espaços da distinção masculinos, tomando-se aqui tais traços como diacríticos e emblemáticos na construção de identidade sociais de segmentos abastados e intelectuais. Tais segmentos estavam vinculados, em sua maioria, às oligarquias rurais da República velha (que progressivamente vão se instalando em Porto Alegre), no que tange à adoção de um estilo de vida “europeu”, nuançado por um *ethos* “aristocrático”.

Esta caracterização está intimamente relacionada à reestruturação do espaço público no centro da cidade, que se transforma em sua própria morfologia, de modo a tornar-se um campo de experiências compatível com os valores, práticas e estilos de vida das elites urbanas, em que a frequência aos cafés, como marcas de distinção na sociabilidade pública, desempenha um significativo papel.

Ainda nesta fase, é relevante problematizar a já citada característica essencialmente masculina dos cafés, predominante até o início dos anos 40. Uma pista para o desvendamento deste traço reside não apenas no lugar social da mulher na época, mas na especificidade do café como espaço relativamente livre de determinadas coações, como a dos valores e normas que regiam o contato entre os sexos, codificados pela esfera da casa, da família, e pela formação de laços tendentes ao matrimônio⁹. Tais contatos eram atualizados em outros lugares, como por exemplo, no “footing”, nas confeitarias, nas casas de chá, cinemas, teatros, bailes e saraus. Assim, as formas de

⁹ Azevedo (1986) faz um minucioso estudo da codificação e dos rituais de aproximação entre os sexos, bem como a segregação que lhe assegurava a continuidade, no Brasil do início do século XX.

sociabilidade desenvolvidas nos cafés, neste período, eram tipicamente masculinas, onde o trabalho, os negócios, os projetos pessoais, a política, a literatura, os esportes e as mulheres ocupavam a tônica das conversas.

A mudança nas representações e práticas acerca dos cafés ocorre basicamente a partir do Estado Novo, intensificando-se com a 2ª Guerra Mundial, para o que concorreram diversos fatores. Entre eles, pode se destacar as transformações na composição social dos grupos urbanos, advindas do incremento do processo de modernização e industrialização do país, com o grande acréscimo do contingente de trabalhadores na cidade, aumento do número do peso social dos segmentos médios e intelectuais na população e o crescente ingresso das mulheres no mercado de trabalho (as quais começaram a freqüentar os cafés nesta época)¹⁰. Paralelamente, é posta em curso uma nova revisão e reordenação das texturas espaciais de Porto Alegre, particularmente em sua área central, em termos de uma maior segmentação territorial segundo a função sócio-econômica, com o crescimento da cidade e de sua periferia urbana¹¹.

No âmbito da política cultural do Estado Novo, o aparecimento do sujeito “povo” e do tema “igualdade social” nos discursos oficiais reflete-se nos anúncios dos novos cafés, no início dos anos 40, por exemplo, o dos cafés Cinelândia, inaugurado em 1942, em que se salienta o direito de todos ao mesmo espaço: *“Aí se observa a democracia: modestos empregados do comércio tomam seu cafezinho ombro a ombro com os banqueiros e altos funcionários públicos.”*

No fim dos anos 40, e ao longo dos anos 50, ocorre o enfraquecimento dos cafés na vida pública do centro de Porto Alegre. Conjugam-se neste processo as referidas mudanças urbanísticas no centro da cidade, onde se incrementava seu papel de polarizador das funções econômicas e administrativas, com a migração dos espaços de sociabilidade coletivos em direção aos bairros “boêmios”, como o Bom Fim e a Cidade Baixa, para neles atualizarem-se formas de sociabilidade que antes se concentravam no centro.

Outro importante fator na explicação do desaparecimento dos cafés está na crescente preponderância da indústria cultural norte-americana no cenário brasileiro, a partir do fim dos anos 40, no que se refere ao consumo de bens simbólicos e à

¹⁰ Acerca da questão do domínio público no Brasil do século XIX, ver Lima (1986:120). Sobre a preeminência do critério de vizinhança nas interações sociais da Porto Alegre da época, ver Rocha (1987).

¹¹ Tais transformações se verificam em Porto Alegre a partir de 1935 no Plano de Gladosch, (Paiva, 1979).

identificação com estilos de vida por parte das elites locais, em substituição ao repertório de influências culturais francesas, ao qual o café e sua sociabilidade estavam basicamente associados¹².

Num plano mais específico, dentro dos mencionados marcos urbanísticos “modernizantes”, percebe-se uma nova concepção de uso do espaço do centro: vai-se ali para fazer compras, trabalhar, demandar serviços ou ir a bancos. A própria rua passa a ser vivida e concebida como “máquina de tráfego”¹³. O *footing*, a confeitaria e o café vão cedendo terreno ao contingente humano massificado, variado e complexo que se apropria da região, como um novo regime de uso do tempo, de ocupação e movimentação no espaço, num ambiente de diversidade de códigos, fragmentação de papéis e heterogeneidade de experiências sem precedentes na história da cidade. Alguns cafés se transformaram em lanchonetes de *fast-food*, onde eventualmente se toma café de pé. Outros sobrevivem mais tempo, mas agora sem o sentido anteriormente imputado e simplesmente acabam cedendo lugar a outro tipo de atividade econômica.

Assim, na trajetória social dos cafés do centro de Porto Alegre, em suas mudanças expressivas em relação ao fim do século XIX até meados do século XX, pode-se perceber duas fases distintas que correspondem a alterações tanto no plano do sistema de representações e formas de sociabilidade que lhe serviriam de suporte, quanto no da totalidade significativa que operou sua contextualização sócio-cultural e urbanística mais ampla.

Na primeira fase (inícios do século XX até aproximadamente 1940) tem-se o café como espaço de distinção masculino. Esta manifestação cultural se constitui num dos itens mais importantes na cristalização de novos espaços existenciais, levada a cabo neste período da história da cidade. No novo circuito de formas de sociabilidade associadas a esse contexto, o café resultou da apropriação da manifestação tipicamente urbana e européia, a qual trazia em seu bojo conotações igualitárias. Entretanto, tais conotações foram ressemantizadas em um sentido diverso de seu modelo original, tendo sido integrada à realidade local como emblema da distinção no estilo de vida e identidade social de segmentos abastados e intelectuais da cidade. Por outro lado, a

¹² Sobre a crescente presença da indústria cultural norte-americana no Brasil a partir do fim dos anos 40, ver Ortiz (1987:193). A respeito da influência francesa no campo literário brasileiro no início do século, ver Miceli (1977:85). No que se refere à moda e estilo de vida na Porto Alegre das primeiras décadas do século XX, ver Ruschel (1971:212).

¹³ A rua contemporânea concebida como “máquina do tráfego” é tematizada por Berman (1987) e Sennet (1988).

sociabilidade no café representou, neste período, um dos mais expressivos pólos de agenciamento da socialização secundária de indivíduos do sexo masculino destes segmentos sociais, notadamente a partir do início de sua condição de adultos.

Na segunda fase (cerca de 1940 até início dos anos 50), o café emerge como um espaço de “igualdade”, numa sociedade de massas. Neste período, os cafés foram atingidos pelos discursos populistas do Estado Novo acerca da “igualdade social”, assim como pelas reordenações urbanísticas e funcionais no centro de Porto Alegre, historicamente concomitantes ao intenso processo de urbanização e industrialização que ocorria no país. As representações e formas de sociabilidade que se atualizavam no café vão gradativamente desaparecendo, assim como a importância que lhe era atribuída anteriormente. Além disso, o crescente predomínio da indústria cultural norte-americana e os estilos de vida a ela relacionados também repercutiram no desaparecimento do fenômeno dos cafés em Porto Alegre. Face a esta periodização, é interessante observar que cidades como Buenos Aires e Montevideo ainda cultivam a tradição dos “cafés”, enquanto que em Porto Alegre essa manifestação cultural não resistiu ao ímpeto “modernizante” das transformações urbanas. Portanto, é razoável supor que os postulados dessa “modernização”, que implicou sucessivas renovações na fisionomia do espaço urbano do centro da cidade, evidenciava-se na ênfase sobre a descontinuidade em relação aos espaços de sociabilidade anteriores, sob a égide de um urbanismo centrado no imperativo da homogeneização econômica e administrativa da região.

Por último, é relevante assinalar os dois níveis de articulação da memória coletiva dos grupos sociais de Porto Alegre com o fenômeno dos cafés. No primeiro nível, figuram as representações vislumbradas em crônicas e depoimentos de informantes, da importância dos cafés como espaços enraizadores de experiências significativas de inúmeras pessoas da cidade na primeira metade do século. Assim, na medida em que a vivência da sociabilidade nos cafés é percebida como intimamente vinculada, de um lado, a determinadas fases das existências dos atores sociais, e de outro lado, à própria caracterização de um período da história da cidade, conclui-se que o café é um dos emblemas da memória coletiva acerca do meio urbano de Porto Alegre na primeira metade do século XX.

Num segundo nível, destaca-se a conexão do fenômeno dos cafés com as formas de sociabilidade que se desenrolam no presente, reafirmando-se o enraizamento de certos lugares na memória coletiva, por exemplo o Largo dos Medeiros, situado na esquina da rua dos Andradas (rua da praia) com General Câmara (rua da Ladeira) ainda

que tenha sido consumada uma nova ressemantização na concepção de gestão do espaço. Isto é tangível no caso da lanchonete de *fast-food* Bigburger, situada no lugar onde funcionou outrora o café mais famoso e aristocrático da cidade, o Colombo. O que era o principal foco da vida elegante de Porto Alegre converteu-se num dos mais expressivos símbolos que condensa a estruturação da sociabilidade na vida urbana e arquitetura contemporânea, de acordo com o paradoxo apresentado por Sennet (1988), da “conjugação da visibilidade com o isolamento”. Permanece, porém em termos de memória coletiva, como um lócus de atualização de formas de sociabilidade que guarda afinidades estruturais com as anteriormente lá realizadas.

Referências

- ABREU, Maurício de A. *A evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.
- AMARO JR. “Cinemas no Centro, Pedestres na Rua da Praia e a Banda Alemã”. Folha da tarde. Para o álbum de Porto Alegre (3):3,17 de Julho de 1976. Suplemento Especial da Folha da Tarde.
- AMARO JR. “Os Cafés na Rua da Praia, o Beco do Leite e o Palácio das Lágrimas”. Folha da Tarde para o álbum de Porto Alegre (6):5,7 de agosto de 1976. Suplemento Especial da Folha da Tarde.
- AMARO JR. “Mais algumas do teatro e do Comércio na Rua da Praia” Folha da Tarde. Para o Álbum de Porto Alegre (19):5,6 de Novembro de 1976. Suplemento Especial da Folha da Tarde.
- AMARO JR. “O Cine Teatro Apolo e restaurante Viena”. Folha da Tarde. Para o álbum de Porto Alegre. Porto Alegre: (35):2,2 de Abril de 1977. Suplemento Especial da Folha da Tarde.
- ARIÉS, Philippe. A família e a Cidade. In: VELHO, Gilberto & FIGUEIRA, Sérvulo (org). *Família, Psicologia e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1981.
- AZEVEDO, Thales. Namoro à Antiga: Tradição e Mudança. In: VELHO, Gilberto. *Família, Psicologia e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1981.
- AMARO JR. *As Regras do Namoro à Antiga*. São Paulo: Ática, 1986.
- BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BETTANINI, Tonino. *Espaço e Ciências Humanas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. *Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.
- DUMONT, Louis. *O individualismo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.
- GENRO, Tarso Fernando. *Tradição Jurídica e Relações Políticas: um estudo introdutório*. In: Freitas, Décio (org.). *RS: Cultura e Ideologia*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.
- GOUVEA, Paulo. *O grupo. Outras figuras, outras passagens*. Porto Alegre: Movimento, 1976.
- HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural na esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

- LIMA, Luís Costa. *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- LOTTMAN, Herbert. *A rive gauche*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- MACEDO, Francisco Riopardense. *Porto Alegre: História e Vida da Cidade*. Porto Alegre: EDUFRGS, 1973.
- MARQUES DOS SANTOS, Afonso. “Da casa senhorial à vila operária: patrimônio cultural e memória coletiva”. In: MARQUES DOS SANTOS, Afonso (org.). *Memória e História*. *Revista Tempo Brasileiro* 87. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986.
- MEYER, Augusto. *No tempo da flor*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1966.
- MICELI, Sérgio. *Poder, sexo e letras na república velha*. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: Difel, 1979.
- NORBERG-SCHULZ, Christian. *Existencia, espacio y arquitetura*. Barcelona: Blumes, 1975.
- OLIVEN, Ruben. *Violência e cultura no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1982.
- OLIVEN, Ruben. *Urbanização e mudança social no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- PAIVA, Edvaldo. “Memórias urbanísticas de Porto Alegre”. In: *Jornal O Correio do Povo* (Caderno de sábado). Porto Alegre, 12/05/1979.
- RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- REVISTA DO GLOBO. Porto Alegre: 14/08/1943.
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. “A construção social do espaço urbano de Porto Alegre: o lugar da modernidade”. Comunicação apresentada no V Encontro Estadual de Professores de Antropologia – RS. São Leopoldo: agosto de 1987.
- ROUANET, Sérgio Paulo. *As razões do iluminismo*. São Paulo: Cia das Letras, 1986.
- RUSCHEL, Nilo. *Rua da Praia*. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1971.
- SCHWARCZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.
- SENNET, Richard. *O declínio do homem público*. São Paulo: Cia das Letras, 1988.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão. Tensões sociais e criação cultural na primeira república*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- SUFFERT, Annette & DUMAZEDIER, Joffre. “Fonctions sociales et culturelles des cafés – enquête das une agglomeration urbaine: Annecy et ses environs.” *L’Année Sociologique* 1962. Paris: 1962 pp. 197-249.
- VELHO, Gilberto. *Subjetividade e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.